

A forma retangular de um quadro parece apoiar-se numa procura de um suporte neutro para a percepção. É difícil prová-lo, pois a tradição nos habituou a escrever e ler em folhas retangulares e, de um modo geral, toda espécie de imagem nos chega em retângulos. A origem e a predominância do formato retangular talvez seja técnica, pois é mais fácil manipular, fabricar, etc formas com ângulos retos. Seja como for, o retângulo é o menos eloquente dos formatos. O que se torna cômodo, no caso da pintura, para quem a olha pronta. Já para o artista, a comodidade cede lugar à dificuldade. De que modo dispor a pintura num retângulo, se o que ela nos dá a ver é uma infinidade de outras formas? Todo pintor sempre se viu às voltas com tal problema. Um dos interesses da pintura de Ricardo Bezerra é trazê-lo à tona. Não que seja o primeiro a fazê-lo. Revelar e questionar as bordas de uma pintura é algo que faz parte da história da arte moderna. Mas para velhos problemas, sempre pode haver uma nova solução ou uma variante da antiga. As faixas pretas que logo chamam a atenção nas pinturas de Ricardo Bezerra estruturam um campo que é, ao mesmo tempo, uma negação e uma repetição do formato do quadro. O espaço básico das pinturas surge, assim, desgarrando-se das bordas. Daí que todo um jogo de pequenos acidentes se passe entre elas e os novos limites postos pelas faixas. Afirma-se um território, sem deixar de anunciar, também, as forças que o deslançaram.

Ao problema ou à tensão entre as bordas do quadro e suas linhas de forças internas criadas pelas faixas, a pintura de Ricardo Bezerra vem acrescentar um outro inesgotável conflito: o conflito entre a cor e o desenho. O campo construído pelas faixas é um campo para a cor. Como juntar as duas coisas? Apenas colorir o campo seria empobrecer a questão. A cor, então, também será construída e, agora, soltando-se por sua vez do campo que a ela foi destinado. As pinceladas coloridas seguem a direção das faixas, mas não de todo. No interior do campo, assim, uma região monocromática vai assumindo certa indefinição espacial. Se as faixas afirmam uma estrutura, as cores, renegando em parte a direção das pinceladas, assumem uma luminosidade meio atópica. Temos, então, dois movimentos ou dois momentos nessas pinturas que se conectam e se desligam. O que era antes um retângulo branco, calmo e habitual, agora repete-se e transforma-se em direção a seu interior pela nova estrutura espacial e em direção ao ambiente pela indefinição espacial da cor. São duas operações simples e difíceis de realizar numa unidade poética. Sente-se uma conquista do simples nestas obras. Conquista-se a tela pelas faixas. Conquista-se o campo então criado por uma cor. As coisas são postas de modo direto. Daí que o prazer que nos passam venha sobretudo de sentir que uma unidade ali foi disposta sem rodeios desnecessários. E por, quase apenas por, sem empostação, mas também sem falsa modéstia, é uma das qualidades mais generosas da arte. Surgem então figurações de um mundo que exigiu esforços para sua construção, mas que disto e de si não fala mais que o suficiente. Uma espécie de plenitude, que só não é mais plena porque comunga com tudo mais a resistência para surgir.

Alberto Tassinari